



[visto pelos estudantes universitários]

Deus não se mete em religiões

POR ANA CURTINHAL*

Miguel Vaz, subdirector da FLAD e moderador do debate, iniciou a sessão dedicada ao tema “11 de Setembro: Civilizações, Ideologias e Religiões”. Na sala ladeada de pesados armários, coroados com bustos de Eça e Camilo, com os seus tectos altos e grandes janelas por onde passava a luz pálida do dia chuvoso, falou-se do papel do fundamentalismo

e da religião na origem do atentado às Torres Gémeas.

Esther Mucznik, vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e fundadora da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, iniciou as intervenções afirmando que “o século XXI começa com o 11 de Setembro”, tal é a importância deste marco. A instrumentalização

da religião, o crescimento de forças fundamentalistas e o extremismo religioso em que política e religião se fundem num desfecho de violência, foram as questões abordadas. “O mundo muçulmano foi a principal vítima do 11 de Setembro”, comentou, uma vez que a facção extremista não é representativa de todo o povo árabe e islâmico. O islão



Kevin Madigan, padre de uma das capelas do Ground Zero, atingida nos ataques, deixou um relato comovente dos acontecimentos. Da esquerda para a direita: Miguel Vaz (FLAD), Esther Mucznik (vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa), António Rego (cónego), Kevin Madigan (padre) e António Dias Farinha (professor de Estudos Árabes e Islâmicos).



“O mundo muçulmano foi a principal vítima do 11 de Setembro, já que a facção extremista não é representativa de todo o povo”, foi uma das ideias em debate nesta conferência.

6 O islão é compatível com o exercício da democracia, apontando a Turquia como um caso de sucesso devido à autonomia da esfera política e à liberdade religiosa. 9

Esther Mucznik, Comunidade Israelita de Lisboa

é compatível com o exercício da democracia, apontando a Turquia como um caso de sucesso devido à autonomia da esfera política e à liberdade religiosa. O exemplo turco também foi mencionado pelo professor catedrático António Dias Farinha, director do Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos da Universidade de Lisboa, no seu apaixonado enquadramento histórico dos acontecimentos que culminaram nesse dia de Setembro de 2001.

Esta iniciativa contou também com a presença do católico Kevin Madigan, reverendo da capela do Ground Zero. O seu sentido relato dos acontecimentos que viveu no fatídico dia que mudou o mundo impressionou a audiência. Recordou episódios como o pedido de desculpas de um médico judeu que rasgou as toalhas do altar para fazer torniquetes para os feridos, as pessoas que saíram das suas casas para acudir e dar água aos feridos, os “relatórios de finanças e fotografias de

família” que voavam pelo céu, espalhando-se pelas ruas. O padre Madigan propôs um olhar diferente sobre os acontecimentos: tendo descoberto que o edifício do World Trade Center, no seu interior, imitava dois locais em Meca, sugeriu que uma possível motivação passe por “esmagar um falso ídolo, uma Meca do comércio”. No fim, salientou a bondade dos nova-iorquinos que encontraram “uns nos outros a sua força”.

A penúltima conferência, que ficou marcada pelo tom positivo, pela perspectiva de entendimento e paz, com o Cónego António Rego questionando se “vale a pena a distância que nos separa?”, acabou em tom de brincadeira com uma anedota sobre um homem que questiona Deus sobre qual a religião verdadeira tendo como resposta: “Não sei, não me meto em religiões”. ●

* Aluna do Curso de Ciências da Comunicação e Cultura da Universidade Lusófona